

# **PERFIL COMPARATIVO DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**FELIPE ANDRÉS CORDERO LUZ**

**GESSYNGER MORAIS-SILVA**

**HELLEN DAYANE SILVA BORGES**

**JULIANA FERNANDES-SANTOS**

**LUDMILLA DAVID MOURA**

**TATYANE OLIVEIRA CÂNDIDO**

**JANAINA LOBATO**

## **RESUMO**

A automedicação é um hábito frequente no Brasil. Vários estudos mostram a alta prevalência de automedicação por parte da comunidade acadêmica, principalmente por estudantes e trabalhadores da área da saúde. O objetivo deste estudo foi delinear o perfil da automedicação em indivíduos dos cursos de Biologia, Biomedicina e Engenharia Elétrica por meio do uso de questionários, para avaliar a relação entre o conhecimento específico farmacologia e a automedicação. A comparação entre as respostas obtidas revelou maior prevalência da automedicação entre os estudantes dos cursos de Biomedicina e Biologia, tanto avaliada em 12 meses ou em um mês. Os estudantes de Biomedicina e Biologia realizaram o ato de automedicar-se mais frequentemente que os estudantes do curso de Engenharia Elétrica. Apesar de todos os cursos apresentarem valores semelhantes de consciência dos riscos, os estudantes de Engenharia Elétrica consumiram medicamentos de venda controlada e danosos a saúde. Quanto maior o conhecimento sobre a farmacologia, maior seu uso, porém, aqueles medicamentos que oferecem riscos considerados graves à saúde coletiva são evitados. O estudo conclui que a prevalência de automedicação entre os estudantes da Universidade Federal de Uberlândia é alta, principalmente entre os alunos dos cursos na área da saúde e com conhecimento em farmacologia. E que os principais medicamentos utilizados por eles são os analgésicos/ antipiréticos, antigripais, antiácidos e antibióticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automedicação; prevalência; questionário; ciências biomédicas e estudantes.

## **COMPARATIVE PROFILE OF SELF- MEDICATION AMONG STUDENTS OF UBERLÂNDIA FEDERAL UNIVERSITY**

### **ABSTRACT**

Self-medication is a very common habit in Brazil. Many studies showed the high prevalence of self-medication by academic community, mainly by students and workers of health area. The aim of this study was delineate the self-medication profile in subjects of courses of Biology, Biomedicine and Electrical Engineering through the use of questionnaires, to evaluate the relationship between specific and deeper knowledge in physiology and/or pharmacology and self-medication. The comparison between obtained answers revealed bigger prevalence of self-medication in students of Biomedicine and Biology, both in one year or in thirty days. Similarly, Biomedicine students realized the action of self-medication more frequently than students of Electrical Engineering. Despite all courses showed similar values of risk conscience, Electrical Engineering consumed more self-controlled drugs, more dangerous to health. Media influenced a little in student's choice of self-medication. The greater is knowledge about drugs, the greater is its use, but, medications that offer high risks for collective health are avoided. This shows that the more conscious is the subject about the question, bigger is the preoccupation with collective impacts and less is the preoccupation with own health.

**KEY-WORDS:** Self-medication; prevalence; questionnaire; biomedical sciences and students.

## 1 - INTRODUÇÃO

A automedicação é uma forma comum de terapêutica utilizada em larga escala no Brasil. Consiste na autoadministração de um medicamento visando tratar ou amenizar os sintomas de uma doença, acreditando que este procedimento lhe trará benefícios (Arrais *et al.*, 1997; Filho *et al.*, 2002; Vilarino *et al.*, 1998).

Em geral, aqueles indivíduos que praticam automedicação o fazem para sintomas e doenças consideradas por eles simples e que não necessitam de atenção médica (Beckerleg *et al.*, 1999; Vilarino *et al.*, 1998). Destacam-se a cefaleia e doenças do trato respiratório superior como as principais queixas (Arrais *et al.*, 1997; Musial, Dutra, Becker, 2007; Neres *et al.*, 2010; Oliveira, Pelógia, 2011; Vilarino *et al.*, 1998). Apesar de serem considerados como sintomas mais brandos, sinais como dor de cabeça podem estar relacionados com graves doenças que requerem atendimento profissional especializado (Krymchantowski, 2010; Peres, Gonçalves, Krymchantowski, 2007).

Alguns medicamentos são mais utilizados na automedicação. No Brasil, os mais utilizados são os fármacos da classe dos analgésicos/anti-inflamatórios, sendo os mais comuns a dipirona, o ácido acetilsalicílico (AAS) e o paracetamol (Silva, Soares, Muccillo-Baisch, 2012), independente da idade dos indivíduos. No sul do Brasil, 49,2% dos medicamentos usados na automedicação eram Anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), sendo que destes, 47,1% destes era o AAS e 31,8% dipirona (Vilarino *et al.*, 1998). Em Bambuí os resultados foram semelhantes, onde 47,6% dos entrevistados fizeram uso de AINEs sem prescrição médica (Filho *et al.*, 2002).

A associação do nível socioeconômico dos pacientes que realizam automedicação e a ligação destes com a área da saúde tem mostrado significância nos estudos de automedicação realizados. Indivíduos das classes A e B se automedicam mais que os indivíduos pertencentes

as classes D e E. A mesma relação existe quanto à escolaridade: entre os indivíduos com menos anos de estudo foi encontrada frequência menor de automedicação (Okumura, Wakai, Umenai, 2002; Vilarino *et al.*, 1998; Vosgerau, Soares, Souza, 2008).

Profissionais da saúde e estudantes de cursos relacionados à área da saúde mostram uma alta prevalência de automedicação. (Munhoz, Gatto, Fernandes, 2010; Paredes, Miasso, Tirapelli, 2008). Em 2012, Luz e colaboradores identificaram 72,4% dos profissionais de saúde de um hospital utilizam pelo menos um medicamento a cada 15 dias sem prescrição médica (Luz *et al.*, 2012). Uma das explicações é que quanto mais leigo é o paciente, o risco que ele atribui à terapêutica automedicamentosa é maior (Douglas, 1985).

A automedicação é estimulada e facilitada pelo fácil acesso aos medicamentos em farmácias. Um estudo realizado no Brasil constatou que 58% das farmácias vendiam antibióticos sem prescrição médica e sob insistência do comprador, esse número cresceu para 74% (Volpato *et al.*, 2005). E um estudo envolvendo pacientes que apresentam dor de dente mostrou uma alta prevalência da indicação de medicamentos por parte dos balconistas de farmácia (Silva, Marques, Goes, 2008).

A mídia é outro fator que interfere no incentivo à automedicação, com comerciais e *outdoors*. Segundo a Lei da Vigilância Sanitária nº 6.360, de setembro de 1976 (atualizada pela Lei nº 9.294, de julho de 1996), os medicamentos de tarja vermelha ou preta não podem ser anunciados na mídia de massa, sendo restritos apenas aos segmentos médicos. A ANVISA considera o uso de qualquer medicamento, sem prescrição ou acompanhamento médico, como automedicação. O medicamento de venda livre, como analgésicos, antigripais e antiácidos, pode ser promovido pela mídia de massa e ser vendido livremente em farmácias, isento de receita médica. Várias resoluções, incluindo da ANVISA, regulamentam rigorosamente a propaganda de medicamentos, incluindo os de venda livre (Bueno, 2008). Apesar dos esforços dos órgãos normativos, diversas irregularidades existem nos anúncios publicitários de medicamentos, que oferecem riscos ao consumidor (Mastroianni, Noto, Galduróz, 2008; Neto, Cortez, 2012).

Os riscos da automedicação são inúmeros, para todas as terapêuticas, inclusive os fitoterápicos comuns da cultura brasileira (Ruiz, 2010). No ano de 2009, a automedicação foi responsável por 2,75% dos casos de intoxicação por medicamentos e 1,41% das mortes causadas por intoxicação à medicamentos no Brasil (SINITOX, 2009). A literatura relata diversos casos de intoxicação infantil por meio da automedicação. Em geral, a intoxicação nesta faixa etária se realiza pela automedicação administrada pelos pais ou responsáveis (Gandolfi, Andrade, 2006; Matos, Rozenfeld, Bortoletto, 2002; Pereira *et al.*, 2007).

Este trabalho tem como objetivo analisar a prevalência de automedicação e os principais medicamentos utilizados por alunos universitários de diferentes áreas do conhecimento, utilizando como fator comparativo a formação vinculada à saúde e ao maior conhecimento prático e técnico sobre medicamentos como fator agravante ou atenuador na prática da automedicação.

## **2 - MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1 População-alvo**

A população analisada neste estudo constituiu de 128 alunos matriculados na Universidade Federal de Uberlândia, entre eles 21 do curso de biomedicina, 42 do curso de Biologia Integral e 65 alunos do curso de Engenharia Elétrica. O número de indivíduos correspondente à população deste estudo foi calculado pela estatística baseado no Eo de 0,05 e no número total de indivíduos das populações estudadas. Todos os participantes cursavam entre 3º e o 8º período do seu curso. Desse modo, foi assegurado que todos os estudantes cursaram pelo menos um ano de seu curso de graduação quando participaram deste estudo. Os alunos do curso de biomedicina atenderam aos critérios acima citados e todos já haviam cursado a disciplina de farmacologia. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, pelo protocolo 105.398.

### **2.2 Critério para definição e frequência de automedicação**

Neste estudo o conceito de automedicação foi definido como pessoas que fizeram o uso de qualquer tipo de fármaco sem prescrição de um profissional habilitado. Os alunos foram questionados sobre o comportamento em relação ao uso de medicamentos no período dos 12 meses e um mês que antecederam a entrevista. Os indivíduos que realizaram de uma a duas vezes o uso de medicamentos sem prescrição, foram classificados como perfil de frequência baixa de automedicação. Aqueles que realizaram três a cinco vezes o uso de medicamentos, sem prescrição, foram classificados como perfil de frequência moderada de automedicação. E aqueles que realizaram seis ou mais vezes o uso de medicamentos sem prescrição, foram classificados como perfil de frequência alta de automedicação (Fonseca *et al.*, 2010).

### **2.3 Questionário**

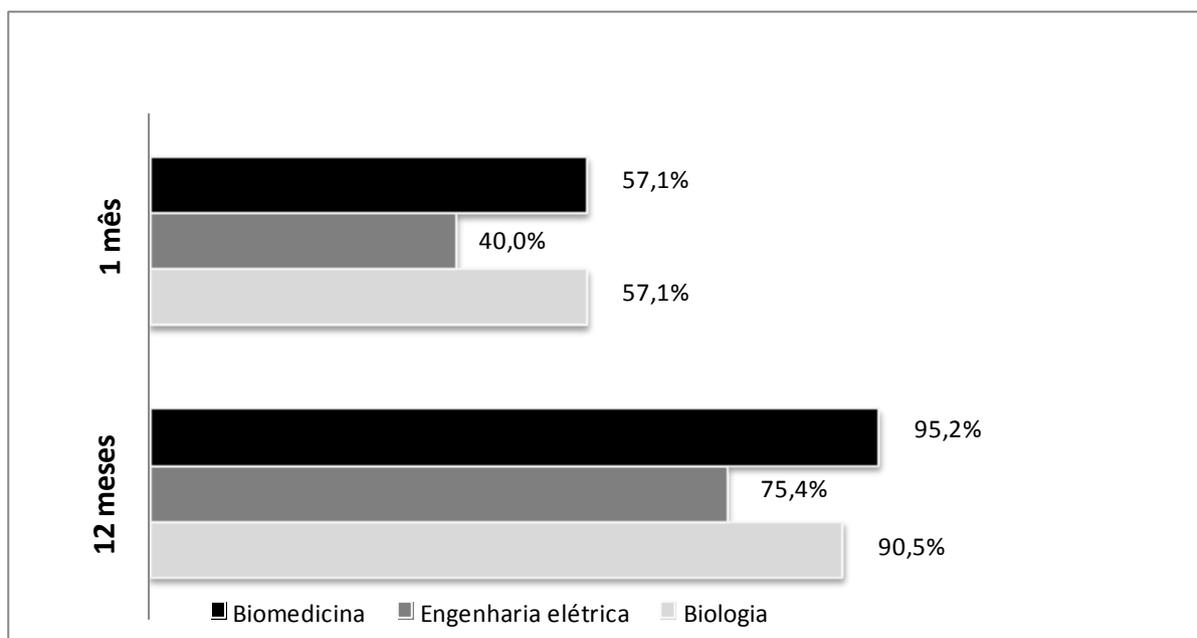
Foi construído um questionário, a fim de avaliar os estudantes quanto à ausência ou presença do hábito de automedicação, assim como as vias que levaram ao comportamento: obtenção dos medicamentos a partir da orientação de pessoas não habilitadas (balconistas de farmácia, amigos, familiares), influência da mídia, uso de medicamentos por conta própria, uso de medicamentos receitados para outras doenças ou uso de prescrições médicas vencidas. Foi avaliada a procura ou não de ajuda médica pelos estudantes; os sintomas que os levaram ao ato de automedicar-se, como dor de cabeça, gripe, enjôo, diarreia, dor muscular, cólica, febre, dor de garganta, dor de ouvido, alergia, insônia, nervosismo, agitação e ansiedade; e os medicamentos utilizados, que foram agrupados de acordo com os seguintes grupos: analgésicos, AINES, antialérgicos, antibióticos, antigripais, antidepressivos, calmantes naturais, antieméticos, antiácidos e drogas analgésicas opióides.

### 3 - RESULTADOS

Os participantes do estudo tinham idade média de  $20,9 \pm 0,3$  anos para o curso de Biomedicina,  $20,4 \pm 0,2$  anos para a graduação em Engenharia Elétrica e  $20,7 \pm 0,3$  anos entre os alunos do curso de Biologia. Em relação ao sexo dos entrevistados, a maioria da população estudada era do sexo feminino nos cursos de biomédicas, correspondendo a 95,2% (20/21) no curso de Biomedicina e 64,3% (27/42) na Biologia. No curso de Engenharia Elétrica esta população foi de 16,9% (11/65).

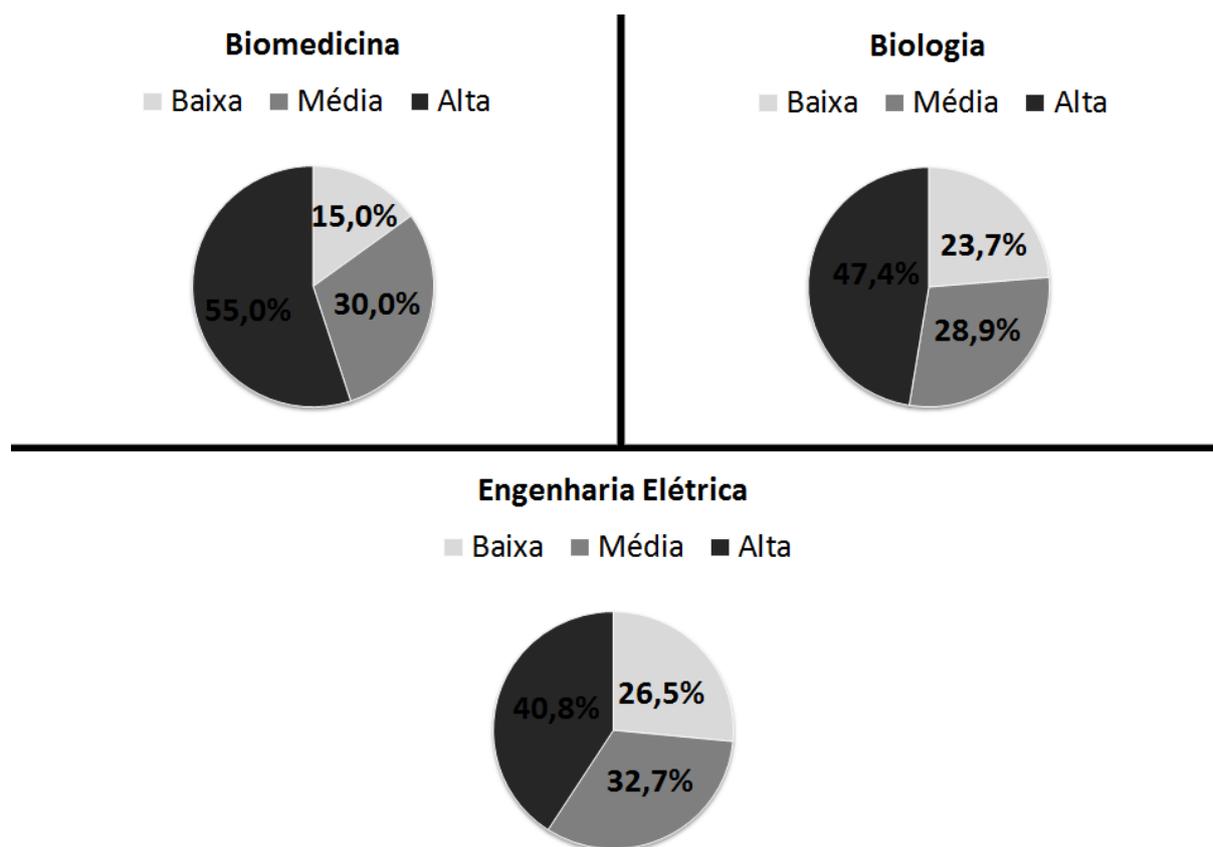
Em relação à frequência de consultas médicas, 34,4% (44/128) dos alunos tinham consultado um médico entre um a três meses antes da entrevista, 25,8% (33/128) tinham consultado a mais de três meses e 21,9% (28/128) não lembravam quando foi sua última consulta. Apenas 3,1% (4/128) dos alunos havia consultado a menos de uma semana e 14,8% (19/128) entre uma a quatro semanas. Dos alunos entrevistados 65,4% (85/130) utilizavam do sistema de saúde privado com planos de saúde, 7,7% (10/130) dos alunos utilizavam o sistema de saúde privado sem plano de saúde e 26,9% (35/130) dos alunos utilizavam o sistema público de saúde.

No período de um ano anterior a entrevista, a prevalência da automedicação foi 95,2% (20/21) entre os estudantes do curso de Biomedicina, 90,5% (38/42) dos alunos do curso de Biologia e 75,4% (49/65) da Engenharia Elétrica. Quando analisado a automedicação no período de 30 dias anteriores a entrevista, a prevalência foi menor em todos os cursos: 57,1% (12/21) para Biomedicina, 57,1% (26/42) para Biologia e 40% (24/65) para Engenharia Elétrica (Figura 1).



**Figura 1.** Prevalência da automedicação relacionada ao momento de realização da prática de automedicação entre os estudantes dos cursos de Biomedicina, Engenharia Elétrica e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia.

No período de um ano, os alunos foram questionados quanto ao número de vezes em que usaram medicamentos sem a prescrição médica. Dentre os indivíduos que realizaram automedicação no curso de Biomedicina, 55% (11/20) apresentaram uma frequência alta de automedicação, 30% (6/20) frequência moderada e 15% (3/20) baixa frequência de automedicação. No curso de Engenharia Elétrica, 41% (20/49) se automedicaram com uma frequência alta durante um ano, 33% (16/49) com frequência moderada e 27% (13/49) com frequência baixa. Na Biologia, 23,7% (9/38) dos alunos apresentam frequência baixa, 28,9 (11/38) realizaram frequência média de automedicação e 47,4% (18/38) apresentaram uma frequência alta (Figura 2).



**Figura 2.** Frequência da automedicação entre os acadêmicos dos cursos de Biomedicina, Engenharia Elétrica e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. A utilização de medicamentos sem prescrição médicas uma ou duas vezes no período de um ano foi considerado baixa frequência de automedicação, de três a quatro vezes no período de um ano foi considerada moderada frequência e seis vezes ou mais no período de um ano, os indivíduos foram classificados como alta frequência de automedicação.

Nos três cursos analisados, cefaleia foi reportada como a principal causa da automedicação, seguida de gripes ou resfriados. Para o fator dor de cabeça, 95% (19/20) dos alunos do curso de Biomedicina reportaram realizar automedicação a fim de aliviar esse sintoma, 81,6% (40/49) dos estudantes de Engenharia Elétrica e 81,6% (31/38) dos alunos da Biologia admitiram a automedicação para a resolução deste sintoma. Em relação às gripes e resfriados, 55% (11/20) dos estudantes de Biomedicina, 65,3% (32/49) dos estudantes de Engenharia Elétrica e 44,7% (17/38) dos estudantes do curso de Biologia utilizaram medicamentos sem prescrição médica para resolução destas enfermidades. A terceira queixa que levou os indivíduos a automedicação não foi a mesma para todos os cursos. Biomedicina e Biologia reportaram cólicas (menstruais ou não) e os estudantes de Engenharia Elétrica reportaram dores musculares como um fator preponderante na automedicação. Os medicamentos mais utilizados para alívio das queixas citadas pelos entrevistados foram

analgésicos e antipiréticos sendo que o uso destes foi relatado por 100% (20/20) dos estudantes de Biomedicina, 83,7% (41/49) dos alunos de Engenharia Elétrica e 92,1% (35/38) dos alunos de graduação em Biologia. O segundo medicamento mais citado em automedicações entre os alunos encontraram-se os antigripais, com uma prevalência de uso de 65% (13/20) no curso de Biomedicina, 65,3% (32/49) no curso de Engenharia Elétrica e 44,7% (17/38) no curso de Biologia. O terceiro medicamento mais utilizado pelos estudantes de Biomedicina foram os antiácidos 35% (7/20), pelos estudantes de Engenharia Elétrica antibióticos com 34,7% (17/49) e os AINEs para 28,9% (11/38) dos alunos de Biologia (Tabela 1).

**Tabela 1.** Principais queixas que levaram a automedicação e classes medicamentosas utilizadas entre os alunos dos cursos de Biomedicina, Engenharia Elétrica e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia.

	Principais queixas		Principais classes medicamentosas	
	Queixas	Prevalência (%)	Classe medicamentosa	Prevalência
Biomedicina	Dor de cabeça	95	Analgésicos/ antitérmicos	100
	Gripe/resfriado	55	Antigripais	65
	Cólica	50	Antiácidos	35
Engenharia Elétrica	Dor de cabeça	81,6	Analgésicos/ antitérmicos	83,7
	Gripe/resfriado	65,3	Antigripais	65,3
	Dor muscular	53,1	Antibióticos	34,7
Biologia	Dor de cabeça	81,6	Analgésicos/antitérmicos	92,1
	Gripe/resfriado	44,7	Antigripais	44,7
	Cólica	34,2	AINEs	28,9

A fim de avaliar a utilização de medicamentos mais nocivos à saúde, as respostas sobre o uso de medicamentos foram agrupadas de acordo com a obrigatoriedade da compra com receitas médica, seguindo os critérios da ANVISA (CREMERJ, 2012). As classes medicamentosas que se enquadraram nessa classificação foram: antidepressivos, antibióticos, ansiolíticos, e analgésicos opióides. Os estudantes de Engenharia Elétrica foram os que mostraram maior prevalência no uso dessas medicações, frequente em 42,9% (21/49),

seguidas dos estudantes de Biologia com 26,3% (10/38) e os estudantes de Biomedicina com 15,0% (3/20).

A consciência dos estudantes quanto ao risco da automedicação também foi avaliada. Os cursos apresentaram valores semelhantes de consciência entre os estudantes de Biomedicina, Biologia, e Engenharia Elétrica (Tabela 2).

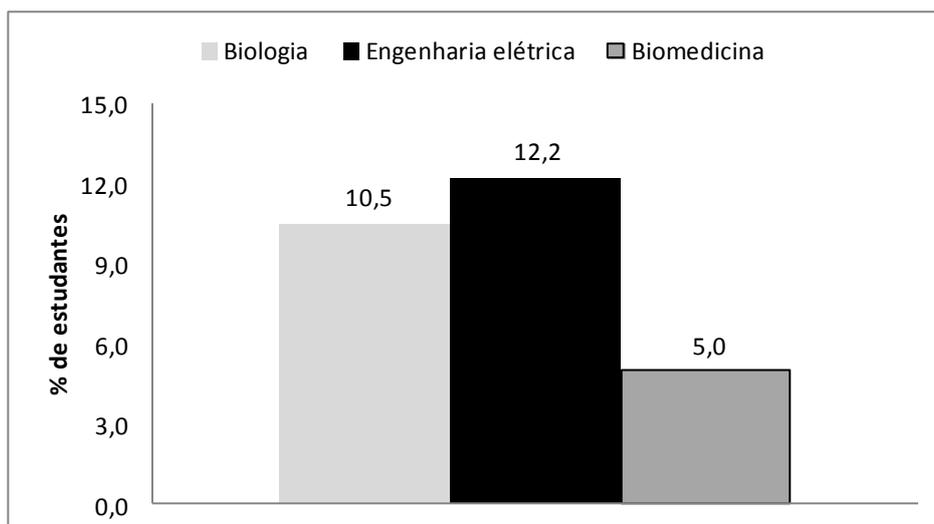
**Tabela 2.** Consciência dos riscos envolvidos na automedicação e prevalência do uso de medicamentos de venda controlada por receitas médicas entre os estudantes dos cursos de Biomedicina, Engenharia Elétrica e Biologia da Universidade Federal de Uberlândia.

	Consciência dos riscos envolvidos na automedicação (%)	Prevalência do uso de medicamentos com venda controlada (%)
Biomedicina	90,5	15
Engenharia Elétrica	90,8	36,7
Biologia	95,2	26,3

Em relação à indicação para o uso dos medicamentos, 75% (15/20) dos estudantes do curso de Biomedicina relataram usar medicamentos por indicação própria, por costume e uso crônico. Os alunos de Engenharia e Biologia relataram com frequência de 81,6% (40/49) e 73,7% (28/38), respectivamente, fazer o uso da automedicação pela indicação de familiares.

O terceiro fator de indicação à automedicação foi a indicação por parte de profissionais não habilitados, com prevalência de 30% (6/20) para Biomedicina, 32,7% (16/49) para Engenharia Elétrica e 21,1% (8/38) para Biologia.

Os cursos de Biologia e Engenharia Elétrica foram mais influenciados pela mídia para se automedicarem que o curso de Biomedicina, com 10,5% (4/38), 12,2% (6/49) e 5% (1/20), respectivamente (Figura 3).



**Figura 3.** Influência da mídia sobre o ato de automedicar-se entre os estudantes dos cursos de Biomedicina, Biologia e Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Uberlândia.

Quanto aos motivos da automedicação os entrevistados dos três cursos relataram que somente fazem automedicação de drogas inofensivas, sendo que esta foi a opção mais frequente entre os três cursos, com 60,0% (12/20) para Biomedicina, 65,3% (32/49) para Engenharia Elétrica e 65,8% (25/38) para Biologia. Esta opção foi seguida de indicação confiável e em terceiro lugar, os alunos dos cursos de Biomedicina e Engenharia Elétrica consideram a leitura da bula como suficiente para o uso dos medicamentos. Entre os estudantes de Biologia a falta de tempo foi relatada por 39,5% (15/38) como motivo da automedicação e entre os estudantes do curso de Biomedicina 25% (5/20) relataram apresentar conhecimentos suficientes para a utilização dos medicamentos e a mesma justificativa foi dada por 14,3% (7/49) dos estudantes de Engenharia Elétrica e 13,2% (5/38) de Biologia.

#### 4 - DISCUSSÃO

Neste estudo reportamos a automedicação como um comportamento entre estudantes de três diferentes áreas do conhecimento: ciências da saúde, representada pelo curso de Biomedicina, ciências biológicas, representada pelo curso de Biologia e ciências exatas, representada pelo curso de Engenharia Elétrica. Nos cursos relacionados a um conhecimento biológico, a prática da automedicação foi maior que entre os estudantes das ciências exatas. Esses dados assemelham com os da literatura, em que a prevalência de automedicação entre os acadêmicos de Engenharia Elétrica é próxima a encontrada na população geral. Contrário a estes dados está a prevalência de automedicação nos cursos de Biomedicina e Biologia com valores bem mais altos (Fonseca *et al.*, 2010; Junio *et al.*, 2011; Silva *et al.*, 2011; Silva, Almeida, 2005; Vilarino *et al.*, 1998). Isto mostra que o conhecimento geral sobre o funcionamento do organismo humano induz a automedicação.

Entre os alunos das áreas biológicas, os que tinham conhecimento sobre farmacologia tiveram maior frequência de automedicar-se. Desta maneira, os estudantes de Biomedicina tiveram maior prevalência quando comparados aos estudantes de Biologia. O conhecimento da etiologia e evolução das doenças pode ser fator limitante para o uso abusivo de medicamentos (Oliveira & Pelogia, 2011).

Quando a automedicação foi considerada apenas no último mês que antecedeu a entrevista, a prevalência da automedicação foi menor, se comparado ao período de 12 meses, mas não deixou de apresentar o mesmo perfil entre os alunos dos cursos analisados.

Alunos de todos os cursos se mostraram conscientizados acerca dos perigos de automedicar-se, apesar da prática do comportamento. A automedicação exibe um componente cultural que precisa ser modificado para ser reduzida eficazmente (Andrade & Pinho, 2008).

A cefaleia foi a queixa mais frequente entre os indivíduos que aderem a prática da automedicação (Fonseca *et al.*, 2010; Musial, Dutra, Becker, 2007; Vilarino *et al.*, 1998). Acredita-se que o objetivo da terapêutica aguda entre os estudantes é proporcionar alívio rápido, completo e efetivo da dor e sintomas associados, sem gerar efeitos adversos (Oliveira & Pelógia, 2011). Gripes ou resfriados, cólicas (menstruais ou não) e dores musculares foi as causas seguidas à cefaleia que levam a automedicação. Acredita-se que o hábito de armazenar medicamentos nos domicílios é prática comum em nosso país, constituindo um fator de risco para o aparecimento de agravos à saúde. Os medicamentos já utilizados frequentemente são armazenados nas residências facilitando o seu consumo irracional, acarretando no aumento das intoxicações intencionais ou não (Tourinho et al, 2008).

Os medicamentos mais utilizados em automedicação foram os analgésicos/antipiréticos seguidos por antigripais, antiácidos, AINES, antibióticos, e corticoides nasais e tópicos. Em geral, o uso de analgésicos como AAS e dipirona possui uma alta prevalência em toda população. Isso se deve provavelmente a sua inespecificidade no tratamento de patologias. Essas altas taxas são encontradas nos diversos patamares socioeconômicos da sociedade (Fonseca *et al.*, 2010; Junio *et al.*, 2011; Silva, Almeida, 2005).

O uso de medicamentos cuja venda é feita exclusivamente com receitas médicas mostrou-se mais elevado entre os alunos do curso de Engenharia Elétrica. Esse dado é preocupante no que diz respeito ao risco envolvido no uso destes medicamentos. Dentre os medicamentos incluídos nesta classificação, o uso dos antibióticos é o mais frequente, sendo que 85% compravam estes medicamentos sem a receita médica. Isso mostra que apesar dos esforços, as leis ainda são brandas e colocam em risco o bem-estar de toda a sociedade.

A população deste estudo é jovem e homogênea, o que é muito relevante quando correlacionamos as tendências midiáticas e a exposição dos indivíduos aos anúncios. Esta geração está bem marcada pelo excesso de informação divulgado por meios de comunicação, principalmente propaganda de produtos, incluindo medicamentos, e acesso facilitado aos detalhes de uso e relatos sobre medicamentos. Assim, a televisão e a internet influenciaram muito esta geração a conhecer sobre os medicamentos, mesmo que não de uma maneira profissional e direcionada por recomendação médica. Porém, neste estudo a mídia tem pouco impacto sobre a automedicação nos indivíduos estudados. A pouca influência que a mídia exerce sobre a automedicação não é restrita apenas a universitários, mas também já foi observada na população geral (Vilarino *et al.*, 1998).

Os fatores preponderantes para a automedicação foram o conhecimento próprio e indicação de familiares, sendo que os alunos usuários eram conhecedores de casos semelhantes cuja terapia com o medicamento indicado levou ao êxito. Profissionais não habilitados a emitir receitas médicas foram a terceira maior causa de indicação ao uso do medicamento. É preocupante que em diversos estudos essa seja uma prática comum entre os profissionais não habilitados (Junio *et al.*, 2011; Silva, Almeida, 2005).

Os alunos da Engenharia Elétrica relataram automedicação com drogas inofensivas, mas faziam uso de antibióticos, cujo risco irresponsável pode causar enormes prejuízos ao indivíduo e a sociedade, por meio da seleção de cepas bacterianas resistentes. Porém, isto não é uma visão geral da população universitária, em que a maior parte dos alunos realiza automedicação por acreditarem que utilizam medicamentos não causam nenhum dano à

saúde, seguido por recomendação confiável. Consegue-se estabelecer uma relação entre a automedicação para os sintomas de mal-estar a estes grupos de medicamentos.

Este estudo mostra que quanto mais conhecimento sobre os medicamentos, maior é o uso de medicamentos sem prescrição médicas pelos alunos, o leva a usos indevidos e prejudiciais a saúde do indivíduo. E que mesmo com a implantação de normas de vendas restritas de medicamentos, existe uma necessidade de monitorar de forma eficiente os locais e profissionais ligados a venda destes medicamentos.

## **5 - CONCLUSÃO**

O estudo conclui que a prevalência de automedicação entre os estudantes da Universidade Federal de Uberlândia é alta, principalmente entre os alunos dos cursos na área da saúde e com conhecimento em farmacologia. E que os principais medicamentos utilizados por eles são os analgésicos/ antipiréticos, antigripais, antiácidos e antibióticos.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. R.; PINHO, L. B. Fatores socioculturais associados à prática da automedicação em uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso, Brasil. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 2, n. 2, p. 121-129, 2008.

ARRAIS, P. *et al.* Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde pública**, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997.

BECKERLEG, S. *et al.* Purchasing a quick fix from private pharmacies in the Gaza Strip. **Social Science & Medicine**, v. 49, n. 11, p. 1489-1500, dez. 1999.

BUENO, E. **Vendendo saúde: a história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília: ANVISA, 2008. p. 159

CREMERJ. **Medicamentos controlados e compilação de normas nacionais**, 2012.

DOUGLAS, M. **Risk Acceptability According to the Social Sciences**. New York: Russell Sage Foundation, 1985. p. 115

FILHO, A. DE L. *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação : resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

FONSECA, F. I. R. M. DA *et al.* Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. **Diagnóstico e tratamento**, v. 15, n. 2, p. 53-57, 2010.

GANDOLFI, E.; ANDRADE, M. Drug-related toxic events in the state of São Paulo, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 6, p. 1056-1064, 2006.

JUNIO, W. *et al.* Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da. **Revista brasileira de farmácia**, v. 92, n. 3, p. 186-190, 2011.

KRYMCHANTOWSKI, A. V. Headaches due to external compression. **Current pain and headache reports**, v. 14, n. 4, p. 321-4, ago. 2010.

LUZ, T. C. B. *et al.* Consumo de medicamentos por trabalhadores de hospital. **Ciência e saúde coletiva**, v. 17, n. 2, p. 499-509, 2012.

MARKOVIĆ-PEKOVIĆ, V.; GRUBIŠA, N. Self-medication with antibiotics in the Republic of Srpska community pharmacies: pharmacy staff behavior. **Pharmacoepidemiology and drug safety**, v. 21, n. 10, p. 1130-3, out. 2012.

MASTROIANNI, P. C.; NOTO, A. R.; GALDURÓZ, J. C. F. Propagandas de medicamentos psicoativos: análise das informações científicas. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 3, p. 529-535, jun. 2008.

MATOS, G.; ROZENFELD, S.; BORTOLETTO, M. Drug intoxication among children under five years old. **Revista Brasileira de Saúde ...**, v. 2, n. 2, p. 167-176, 2002.

MUNHOZ, R. F.; GATTO, A. M.; FERNANDES, A. R. C. Automedicação em profissionais das áreas de enfermagem e farmácia em ambiente hospitalar na cidade de São José do Rio. **Arquivos Ciências da Saúde**, v. 17, n. 3, p. 140-145, 2010.

MUSIAL, D. C.; DUTRA, J. S.; BECKER, T. C. A. A automedicação entre os brasileiros. **Revista de Saúde e Biologia**, n. 4, p. 5-8, 2007.

NERES, B. S. I. *et al.* Prevalência da automedicação em acadêmicos de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior de Teresina. **ConScientiae Saude**, v. 9, n. 1, p. 33-37, 2010.

NETO, L.; CORTEZ, A. Análise das propagandas de medicamentos veiculadas em emissoras de televisão e sua concordância com a legislação vigente. **Revista Piauiense de ...**, v. 1, p. 34-40, 2012.

OKUMURA, J.; WAKAI, S.; UMENAI, T. Drug utilisation and self-medication in rural communities in Vietnam. **Social science & medicine (1982)**, v. 54, n. 12, p. 1875-86, jun. 2002.

OLIVEIRA, A. DE; PELÓGIA, N. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. **Revista Dor**, v. 12, n. 2, p. 99-103, 2011.

PAREDES, N. P.; MIASSO, A. I.; TIRAPELLI, C. R. Consumption of benzodiazepines without prescription among first-year nursing students at the University of Guayaquil, school of nursing, Ecuador. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. spe, ago. 2008.

PEREIRA, F. S. V. T. *et al.* Self-medication in children and adolescents. **Jornal de pediatria**, v. 83, n. 5, p. 453-8, 2007.

PERES, M. F. P.; GONÇALVES, A. L.; KRYMCHANTOWSKI, A. Migraine, tension-type headache, and transformed migraine. **Current pain and headache reports**, v. 11, n. 6, p. 449-53, dez. 2007.

RUIZ, M. E. Risks of self-medication practices. **Current drug safety**, v. 5, n. 4, p. 315-23, out. 2010.

SILVA, G. M. S. DA; ALMEIDA, A. D. A. C. Análise da automedicação no município de Vassouras-RJ. **Infarma**, v. 47, p. 59-62, 2005.

SILVA, L. S. F. *et al.* Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Odontologia**, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011.

SILVA, M. G. C. DA; SOARES, M. C. F.; MUCCILLO-BAISCH, A. L. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. **BMC public health**, v. 12, n. 1, p. 339, jan. 2012.

SILVA, R. A.; MARQUES, F. D.; GOES, P. S. A. DE. Fatores associados à automedicação em dor de dente: análise a partir dos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos da cidade do Recife, PE. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 697-701, abr. 2008.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO FARMACOLÓGICAS (SINITOX). **Estatística anual de casos de intoxicações e envenenamentos. Brasil: 2000.** Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/sinitox\\_novo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=349](http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=349)>. Acesso em: 9 abr. 2013.

TOURINHO, F. S. V. et al . Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 84, n. 5, Oct. 2008.

VILARINO, J. *et al.* Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de Saúde pública,** v. 32, n. 1, p. 43-49, 1998.

VOLPATO, D. E. *et al.* Use of antibiotics without medical prescription. **The Brazilian journal of infectious diseases: an official publication of the Brazilian Society of Infectious Diseases,** v. 9, n. 4, p. 288-91, ago. 2005.

VOSGERAU, M. Z. S.; SOARES, D. A.; SOUZA, R. K. T. Automedicação entre Adultos na Área de Abrangência de uma Unidade Saúde da Família. **Latin American Journal of Pharmacy,** v. 27, n. 6, p. 831-838, 2008.